

LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES PARA CONSTRUÇÃO E TESTE DE INSTRUMENTO PARA AVALIAÇÃO DE REPERTÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTOS SEXUALMENTE VIOLENTOS POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Wesley Henrique Pagel (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Amanda Oliveira de Moraes (Coorientadora), Carolina Laurenti (Orientadora),
e-mail: clautenti@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR

Psicologia / Construção e validade de testes, escalas e outras medidas psicológicas.

Palavras-chave: Violência sexual, universidade, estudantes

Resumo:

A identificação de situações de violência sexual no contexto universitário é um dos primeiros passos para criar condições de denúncias e prevenção desta problemática. O objetivo desta pesquisa foi contribuir com a construção e teste de um instrumento que permita avaliar o repertório de identificação de comportamentos sexualmente violentos por estudantes universitários. Para isso, foram entrevistados 38 representantes de centros acadêmicos e associações de atléticas de uma universidade do interior do Paraná a fim de caracterizar as especificidades da violência sexual no contexto universitário. No total, foram contabilizados 114 relatos de casos de violência sexual nesse contexto. Desses casos, a importunação sexual física foi o tipo de violência sexual mais relatado e o estupro o menos relatado. Já em relação ao recebimento de denúncias, recorrer à coordenação/departamento do curso foi o encaminhamento mais realizado pelos(as) representantes das instâncias universitárias. Com os resultados da pesquisa, a construção do instrumento pôde ser baseada em situações próximas às que os(as) estudantes vivenciam na universidade. Além disso, espera-se que os resultados possam dar subsídios à criação de instâncias que encaminhem, discutam e previnam casos de violência sexual no contexto universitário.

Introdução

Geralmente concebe-se a ideia de que a universidade é um espaço para pessoas intelectualmente privilegiadas, de maneira que as formas de violência seriam melhor compreendidas e, assim, menos emitidas pela comunidade acadêmica (PORTO, 2017). Entretanto, conforme demonstra

uma pesquisa realizada pelo Instituto Avon/Data Popular (2015), os alunos homens demonstram não serem capazes de reconhecer a prática de comportamentos sexuais violentos na mesma proporção em que as mulheres relatam a violência.

Negar a existência de comportamentos sexuais violentos implica em uma maior probabilidade de o indivíduo emitir esses comportamentos, já que este não consideraria o que praticou como uma violência ou que não teria responsabilidade pelo ato (FREITAS; MORAIS, 2019). Desse modo, identificar esses comportamentos coercitivos como violência sexual é uma das formas de haver maiores condições para denúncias e prevenção de casos de violências sexuais sofridas e perpetradas. Tendo isto em vista, o objetivo desta pesquisa foi contribuir com a construção e teste de um instrumento que permita avaliar o repertório de identificação de comportamentos sexualmente violentos por estudantes universitários. Para tanto, mostrou-se necessário caracterizar as especificidades da violência sexual no contexto universitário. Isso se deu por meio de entrevistas realizadas com representantes de centros acadêmicos e associações de atléticas de uma universidade do interior do Paraná.

Materiais e métodos

Foram listadas 13 associações de atléticas e 37 centros acadêmicos do *campus* sede de uma universidade do interior do Paraná. Os representantes maiores de 18 anos de todas as instâncias universitárias listadas (50) foram convidados/as para realizar a entrevista mediante abordagem realizada por meio das redes sociais.

As entrevistas foram realizadas e gravadas pela plataforma *Google Meet*, e o computador foi utilizado para transcrição. Além disso, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi disponibilizado aos participantes por meio da plataforma *Google Forms*, mediante aprovação pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com seres humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá (CAAE: 27937320.0.0000.0104).

Nas entrevistas, foram fornecidas as seguintes perguntas disparadoras: 1) “O que você entende por violência sexual?”; 2) “Você já soube de casos de violência sexual na universidade? Como soube? Você poderia dar alguns exemplos?”; 3) “De que forma o centro acadêmico/atlética lida com esses casos?”.

Resultados e Discussão

Das 50 instâncias acadêmicas listadas, 11 atléticas e 28 centros acadêmicos foram entrevistados. Uma das participantes representou uma atlética e um centro acadêmico do mesmo curso. Assim, foram entrevistados(as) 38 representantes. Em relação ao gênero, estes foram compostos por 21 mulheres (55,26%) e 17 homens (44,74%).

No total, foram contabilizados 114 relatos de casos de violência sexual no contexto universitário. Verifica-se que a importunação sexual física foi o tipo de violência sexual mais relatado nas entrevistas (37 casos) e o estupro o menos relatado (5 casos). Além disso, o assédio sexual (entre professor e aluna) foi relatado em 31 casos. Já a importunação sexual verbal foi relatada 11 vezes, e o pornô de vingança 7 vezes. Ainda, houve 12 casos de violência sexual classificados como “indefinidos” (nos quais não havia informações suficientes para categorização) e 11 casos classificados como “outros” (tipos de violência sexual não considerados nas categorias da pesquisa).

A partir dos poucos relatos de casos de estupro, é importante destacar que, segundo a literatura especializada, há diversas variáveis que interferem na probabilidade de as pessoas denominarem ou não algum acontecimento como estupro (FREITAS; MORAIS, 2019). Além disso, há diversas características que se encontram frequentemente em concepções estereotipadas de como se daria um estupro: a vítima sendo atacada sozinha, desprotegida, de noite, de forma agressiva por um desconhecido (RYAN, 1988). Assim, pode-se inferir que as relações universitárias são perpassadas por diversas outras variáveis que, de acordo com a literatura, dificultariam o reconhecimento do estupro quando não se mostra estereotípico.

Além dos tipos de violência sexual citados, durante as entrevistas foi possível destacar os locais citados em que os casos de violência sexual relatados ocorreram. Dos locais citados, as festas (calouradas, carnaval universitário, festas universitárias e em repúblicas universitárias) foram as mais mencionadas como contexto onde aconteceu a violência (44 casos). Já dentro da sala de aula, no contexto de ensino, houve 13 relatos de violência sexual. Em outros locais do campus, ocorreram 11 relatos, e no bairro universitário 3 casos. Ademais, foi relatado que a violência sexual aconteceu em 8 casos de forma *on-line*, por meio de mensagens, redes sociais e/ou chamadas de vídeo/ligação.

Por ser uma variável de importância na análise da culpabilização da vítima de violência, a relação prévia entre autor e vítima também foi considerada. Na maioria dos relatos, quando especificado, a relação prévia entre autor e vítima era de professor e aluna (32 casos). Em alguns outros casos citados, é possível inferir que se tratavam de relações em que havia alguma posição de poder entre alunos, como entre veterano e caloura (7 casos), aluno monitor e aluna (2 casos) e presidente de república universitária e aluna (1 caso). Além disso, foram citados violências ocorridas entre colegas de sala (1 caso), colegas de curso (2 casos), amigos (2 casos), namorado (1 caso) e desconhecidos (10 casos).

Em relação ao recebimento de denúncias, 25% dos entrevistados de centros acadêmicos e 45,45% das atléticas afirmaram já terem recebido algum tipo de denúncia de violência sexual. Dessa forma, dentre os entrevistados, os membros de atléticas entraram em contato com mais denúncias de violência do que os centros acadêmicos. Recorrer à coordenação/departamento do curso foi o encaminhamento mais realizado pelos(as) participantes (41,66%).

Da forma semelhante, 57,69% dos representantes que não receberam denúncias de casos de violência sexual no contexto universitário afirmaram que recorreriam à coordenação/departamento do curso caso recebessem. Diante disso, demonstra-se a importância de preparar também o corpo docente e servidores da instituição para receber e encaminhar tais relatos. Porém, a procura por eles pode acontecer devido à falta de conhecimento sobre instâncias oficiais da universidade, como a Ouvidoria. É possível perceber uma falta de divulgação da universidade a respeito dessas instâncias, visto que apenas 19,23% dos(as) representantes entrevistados(as) que receberam as denúncias e 16,66% dos que não receberam as citaram. Um dos aspectos que pode estar relacionado a isso é que não há materiais oficiais de divulgação com instruções de encaminhamento de casos de violência de gênero, como ocorre em algumas universidades.

Conclusões

Com as entrevistas realizadas, o instrumento pôde ser baseado em situações próximas aos que os(as) estudantes vivenciam no contexto universitário. Tendo em vista a necessidade de escolher apenas um tipo de violência para o instrumento, mostrou-se necessário investigar de uma maneira mais sistemática como os(as) estudantes universitários(as) identificam situações de estupro nesse contexto. Além da criação do instrumento, os resultados desta pesquisa pretendem ser divulgados para que possam subsidiar a criação de instâncias na universidade que encaminhem, discutam e previnam casos de violência sexual no contexto universitário.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Araucária pelo financiamento da pesquisa.

Referências

FREITAS, J. C. C.; MORAIS, A. O. Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e Análise do Comportamento. **Acta Comportamental**, v. 27, n. 1, p. 109-126, 2019.

INSTITUTO AVON/DATA POPULAR. **Violência contra a mulher no ambiente universitário**, 2015. Disponível em: http://www.ouvidoria.ufscar.br/arquivos/PesquisaInstitutoAvon_V9_FINAL_Bx20151.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021

PORTO, M. O enfrentamento da violência no ambiente universitário: Uma experiência na Universidade Federal do Acre. In: STEVENS, C. et al. (Eds.). **Mulheres e violências: Interseccionalidades**. Brasília: Technopolitik, 2017.

RYAN, K. M. Rape and seduction scripts. **Psychology of Women Quarterly**, v. 12, n. 2, p. 237-245, jun. 1988.